

A escrita de caso na clínica de linguagem

(The writing of the clinical case at a language clinic)

Silvana Perottino¹

¹Departamento de Estudos Linguísticos e Literários –
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

silvana-perotino@uol.com.br

Abstract: The aim of this paper is to discuss to what extent the writing of the clinical case can truly reveal a therapeutic process which the clinician/investigator, more precisely his/her theoretical knowledge, can change. The report of speech therapy intervention with a boy aged three to seven years old gave rise to a reflection on the clinician's interpretation issue. The latter, being submitted to the language functioning laws, appoints intentions and gives sense to the child's manifestations. In this way, the clinician's theoretical knowledge can be attached to two perspectives: one in language acquisition, interactionism, and the other in language clinic. They are the ones that allow for a confrontation to those that look for hints of knowledge in language categories or in communicative functions in child's speech/gestures.

Keywords: language acquisition; language clinic; speech pathology; interpretation; clinical case.

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir em que medida um relato de caso pode dar visibilidade a um processo terapêutico no qual o clínico/investigador, precisamente o seu saber teórico, vem a mudar. O relato do acompanhamento fonoaudiológico de um menino dos três aos sete anos de idade suscitou uma reflexão sobre a questão da interpretação do clínico. Este último, por se encontrar submetido às leis de funcionamento da linguagem, atribuiu intenções e sentido às manifestações da criança. Nesse sentido, o corpo teórico do clínico pôde ser considerado vinculado a duas perspectivas, uma em aquisição da linguagem, o interacionismo, e outra na clínica de linguagem. São elas que permitem uma contraposição àquelas que procuram indícios do conhecimento de categorias da língua ou de funções comunicativas na fala/gesto da criança.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; clínica de linguagem; atrasos de linguagem; interpretação; escrita de caso.

Considerações iniciais

O objetivo deste artigo é aprofundar uma reflexão sobre a escrita de caso na clínica de linguagem, já iniciada em minha tese de doutorado, *Sob a condição de não-falar de uma criança: a escrita de caso JM*, defendida no final do ano de 2009.¹ Desde a introdução do respectivo trabalho, procurei discutir as bases teóricas que sustentavam o atendimento fonoaudiológico do menino JM, iniciado quando ele tinha um pouco mais de três anos de idade. Naquele momento, circulava por textos da Neurolinguística Discursiva, principalmente o livro *Diário de Narciso: discurso e afasia*, de Maria Irma Hadler Coudry, publicado em 1988. Na clínica fonoaudiológica propriamente dita, as minhas referências eram o livro *A linguagem como processo terapêutico*, de Regina M. Freire, publicado em 1994, e o artigo “O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro”, de Lúcia Arantes, do mesmo ano.

¹ Tese de doutoramento defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, na área de Linguística.

Nesse trabalho fiz menção também a outras leituras que começaram a fazer parte do referencial teórico² seguido por mim em um momento posterior, justamente quando me debrucei sobre as transcrições das sessões e as minhas anotações na escrita do caso JM. Essas leituras estavam circunscritas a textos do Interacionismo³ e da Clínica de Linguagem.⁴ Importante ressaltar a ligação dessas propostas com os pressupostos da Linguística Científica, particularmente os que se referem à concepção saussuriana da ordem própria da língua (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 31). Nessas duas abordagens – uma em aquisição da linguagem e outra que diz respeito à clínica da fala sintomática – também se faz presente a Psicanálise, na medida em que, por meio dela, é possível reconhecer a inseparabilidade entre a aquisição da linguagem e a estruturação subjetiva. Parte-se da evidência de que o corpo (da criança) vem capturado pela linguagem, por isso afetado pela fala do outro/Outro – tesouro de significantes –, a Língua, integrante do simbólico, da Lei. A criança é considerada como um corpo pulsional que, para se tornar falante, depende da interpretação desse outro (DE LEMOS, 2002).

O processo terapêutico de JM ocorreu durante quatro anos (dos três aos sete anos), entre os anos de 1995 e 1998. Do começo ao fim desse processo, fiz anotações relativas às produções da criança e ao efeito destas em mim. Era uma forma de sinalizar as mudanças na fala da criança ou, então, registrar os segmentos que tomavam a forma de enigmas que, embora na sessão fossem introduzidos por mim em textos constituídos durante o nosso diálogo, não deixavam de evidenciar a sua opacidade.

Relatava também o que os pais diziam a respeito da criança, as conversas que tive com colegas de profissão sobre esse atendimento, assim como as decisões tomadas ou aquelas pretendidas e, além disso, os encaminhamentos realizados a outros profissionais e às instituições de educação especial. Fiz na época algumas gravações em áudio e vídeo com o intuito de transcrever as falas e os gestos ocorridos durante as sessões.⁵

² Em 2006, comecei a participar do Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem/GPAL, vinculado ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Fausta Cahayba Pereira de Castro. O grupo congrega diversos pesquisadores cujos temas de interesse estão relacionados ao estudo de *corpora* e à discussão das questões teórico-metodológicas que afetam o tema da aquisição da linguagem: noção de desenvolvimento, língua materna, a fala da criança e sua escrita inicial, bem como a patologia.

³ O interacionismo a que estou fazendo referência iniciou-se com a criação, em 1976, do Projeto de Aquisição da Linguagem no Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP. Ele foi coordenado por Cláudia de Lemos e dele participaram também as pesquisadoras Ester M. Scarpa, Maria Cecília Perroni, Maria Fausta Pereira de Castro e Rosa Attié Figueira. Diversas teses e artigos foram e continuam a ser publicados valendo-se de um acervo formado por gravações semanais em áudio realizadas com oito crianças durante o período em que elas tinham entre 1 e 5 anos de idade. As gravações ocorreram em situações rotineiras de interação entre adulto e criança e os diários realizados pelos pais, nos quais estão registrados os enunciados das crianças e o contexto de sua ocorrência, foram também considerados como fontes para o grupo de pesquisa (PEREIRA DE CASTRO; FIGUEIRA, 2006).

⁴ Importante lembrar a diferença que está posta entre a clínica de linguagem e a fonoaudiológica pelos pesquisadores da primeira. Em publicação recente, Lier-De Vitto e Andrade (2008, p. 61) definem clínica de linguagem como: “[...] uma proposta teoricamente orientada pela teorização saussuriana, pela contribuição de Jakobson na articulação língua-fala/ escrita e a de De Lemos, pela suspensão do sujeito epistêmico e enfrentamento da fala da criança”.

⁵ Pretendia transcrever as fitas logo depois de gravá-las, no entanto, isso não ocorreu. Fiz registros, em cada uma delas, daquilo que pude escutar da fala de JM e do que eu acreditava ter produzido efeitos em suas produções a partir do que lhe dizia. Embora não tenha realizado, à época do acompanhamento de JM, uma “leitura teoricamente orientada do material clínico” (LIER-DE VITTO; ARANTES, 1998, apud

Ao voltar-me para o relato do caso JM, anos depois de finalizado o atendimento, surgiram questões sobre a relação entre a língua e a fala (sintomática) apresentada pela criança. Não me parecia suficiente conduzir o relato por meio de uma análise dos dados de diálogo terapeuta-paciente ou apontar quais as melhores estratégias a serem adotadas na terapêutica de crianças com quadro clínico semelhante ao de JM, por levar em consideração o fato de ele ter se tornado um falante da língua. Se assim procedesse, entendo que me vincularia ao ideal de ciência que retira do seu escopo os efeitos de uma relação terapêutica nos sujeitos envolvidos. Encontrava-me na situação de haver sido tocada por um atendimento da clínica, de me deparar com a singularidade de uma fala sintomática de uma criança e, por isso, precisava escrever sobre isso.

Acredito que a escrita ou relato de caso se diferencia dos estudos de caso do campo da medicina, pois não se constrói na/pela doença, não cumprindo, portanto, a função de exemplo em relação a uma entidade nosográfica. A escrita de caso diz respeito ao paciente e ao clínico, desse encontro que resulta em algum tipo de mudança de uma condição prévia, tanto por parte do terapeuta quanto do paciente. Para o primeiro, seria uma mudança na sua condição de sofrimento, e, para o segundo, uma provocação positiva no seu saber fazer clínico. Resulta daí que escrever um caso não pode ser visto como uma necessidade imposta, mas, tomando de empréstimo o que se constitui como um método na clínica psicanalítica, pode-se considerar que essa escrita seria um dos lugares circunscritos da transmissão, tais como ocorre “na produção do analisante no tratamento, na supervisão (controle), no ensino, nas publicações etc...” (LEITE, 2006). Em outros termos, a transmissão faz avançar o saber teórico, o qual passa a ser suspenso diante do encontro com um novo paciente.

Nasio (2001) afirma que o aspecto mais determinante da escrita de caso é o fato de não constituir-se como reflexo do ocorrido, mas uma forma de ficção, justamente por estar relacionado à lembrança de uma experiência terapêutica. Nas reflexões sobre o relato de caso em um artigo de Lier-De Vitto (2004) e na dissertação de Cerqueira (2005), está presente também essa diferença entre fala *in vivo* e efeito *in vivo* (a cena clínica) *versus* a posição da escrita do caso em um momento posterior ao vivido.

Essas são diferenças que dizem respeito à questão do tempo, relacionadas ao material com o qual se deve lidar para essa escrita – a transcrição das sessões, as anotações realizadas após o término das sessões, as discussões com outros profissionais ou supervisões ocorridas –, assim como as atitudes efetivamente tomadas: os manejos clínicos e a direção de tratamento seguida para cada caso. Importante destacar também que na leitura das transcrições reverbera na escuta do terapeuta a fala do paciente e é com ela – com essa densidade significativa – que o clínico lida ao escrever o caso. Para Lier-De Vitto (2004) escrever um caso relaciona-se com a questão de transmissão, o que é distinto de se colocar, então, a serviço da reprodução.

Em sua dissertação de mestrado, a fonoaudióloga Cerqueira (2005) procura produzir o relato de caso de uma criança com diagnóstico de atraso de linguagem atendida por ela. Propõe-se a realizar um “[...] enfrentamento daquilo que há de enigmático no acontecimento clínico [...]” (p. 79). Julga imprescindível que se atente para o enigma da densidade significativa presente na fala da criança, o qual diz respeito também à estruturação subjetiva da criança.

ARANTES; FONSECA, 2008, p. 20), o ato clínico realizado por mim esteve basicamente sustentado por uma escuta para a fala de JM “em cena”.

A pesquisadora também revela situar-se em uma posição, nem sempre tranquila, de dizer do atendimento da criança que havia acompanhado (afetada pelas supervisões realizadas) e de lidar com a transcrição do material clínico (decisão sobre como inserir a fala e o diálogo clínico no relato). Observou também que, nesse material, pôde testemunhar que a escuta da fala da criança não se apagava pela leitura do clínico, o que poderia ser bem diferente na situação em que essa leitura fosse realizada por um investigador alheio ao acompanhamento do caso.

No caso de JM, o que eu pude escutar de sua fala, ver nos seus gestos, na posição de clínica? Nessa relação transferencial, a marca inicial do nosso encontro, o que o capturou, daquilo que eu disse e fiz e que produziu efeitos, foram, certamente, os prolongamentos presentes em determinados segmentos da minha fala e que, julgo, podem ser considerados como os lugares de enlace e de escuta da criança ao outro. O efeito disso sobre mim foi o de continuar a repetir esses enunciados e fragmentos que acabaram levando a introdução de novos significantes. Ao barulho do carro (A:::) incorporou-se o da buzina (Bi:::bi:::) nas brincadeiras com objetos em miniatura, que apareceram tanto na minha fala como na dele. Um carro e, em seguida, um ônibus foram desenhados na lousa e personagens começaram a surgir para dirigi-los ou ocupá-los. Nessas pequenas narrativas realizadas com o uso de objetos ou por meio dos desenhos, os pais de JM foram sendo introduzidos como personagens que desempenhavam papéis determinantes na cena. De história em história, a vida de/em uma família (a dele?) foi sendo (re)construída por meio desses textos constituídos nos nossos diálogos.

O discurso dos pais a respeito de JM

O primeiro contato com os dizeres dos pais sobre JM⁶ foi durante uma entrevista realizada com a mãe, ocorrida em meados do ano de 1995. Ela relatou que a criança parecia ter vontade de falar, de contar o que lhe acontecia na sua rotina, mas, por fim, afirmou que “a gente não entende a sua fala”. Ele frequentava uma creche municipal desde um ano de idade (período em que ela voltou ao trabalho) e uma instituição de educação especial, cujo ingresso havia se dado por volta dos três anos. Destacou que o garoto comunicava o que queria segurando na mão dela e levando-a até um objeto do seu interesse ou, então, apontando na direção em que este se encontrava. Observava que ele não gostava de ficar com outras crianças e que preferia brincar sozinho. Quando chamado pelo seu nome, atendia voltando-se em direção à fonte sonora. Muitas vezes parecia compreender o que era falado, mas ela observou que ele colocava, algumas vezes, as suas mãos sobre as orelhas durante a conversação.

Havia por parte da mãe um reconhecimento de uma insuficiência em termos linguísticos por parte da criança para a qual ela atribuía duas causas possíveis: uma orgânica e outra hereditária. A primeira aparecia quando ela se referia à possibilidade de uma lesão cerebral (ainda que não tivesse sido comprovada por exames de imagem), resultante de uma batida na cabeça sofrida pela criança ao cair de um carrinho de bebê. A segunda hipótese surgia no momento em que relatava os problemas de aprendizagem enfrentados

⁶ Joelson é o nome do menino atendido por mim. Trata-se de um nome fictício, assim como o dos pais e do irmão também o são. No entanto, faço a ressalva para o fato de que essas criações guardam certa relação com os nomes próprios verdadeiros dos sujeitos envolvidos, já que eles foram fundamentais para a hipótese delineada sobre o caso no meu trabalho de tese.

pelo marido quando criança, deixando entrever um componente hereditário do lado paterno como fator explicativo para os problemas do filho.

Já o pai de JM admitiu diferenças de concepções entre ele e a mulher no tocante à educação que deveriam dar ao filho. A mãe, por outro lado, reconhecia irritar-se com certas atitudes repetitivas da criança, como o balanceio do corpo sem razões aparentes para isso, ao mesmo tempo em que deixou claro acreditar que seu filho teria uma profissão bem melhor que a deles, pois a criança se tornaria “dono de uma empresa”.

Não houve por parte dos pais um aprofundamento sobre a implicação deles no sintoma de JM a partir de algumas observações realizadas por mim ao longo do acompanhamento. O meu contato com as psicólogas e o psiquiatra da instituição de educação especial para crianças autistas que ele frequentava também era restrito e não tocava nessas questões. A conversa com a equipe técnica da instituição acabava, invariavelmente, enveredando para o relato das conquistas de JM, tanto em termos de seu aprendizado escolar quanto de progressos no seu relacionamento com as pessoas.

Intuí a respeito da implicação dos pais no sintoma de “não-falar” apresentado por JM, sem, no entanto, dimensionar o alcance da sua significação, já que, à época do atendimento, minha formação no interacionismo e na clínica de linguagem era bastante incipiente. Ainda não estava claro para mim que o fato de “não-falar” da criança deveria ser posto como um enigma para os seus pais, e que disso poderia resultar uma implicação do casal no sintoma, a partir da compreensão da subjetividade como constituída na relação com o Outro.

Em resumo, os encontros com os pais, na verdade com a mãe, já que era ela quem o trazia para os atendimentos, ocorreram para indicar as mudanças observadas na fala de JM e saber como os pais estavam reagindo a isso: como passaram a se dirigir a ele, se saíram mais com a criança... Enfim, eu procurava suscitar reflexões sobre as mudanças mais visíveis – o fato de ele ter começado a falar – e qual a consequência desse fato na relação entre eles e o filho.

As primeiras sessões com JM

No primeiro mês de atendimento, JM entrava na sala e tinha diversos comportamentos descritos pela mãe na entrevista inicial: ficava sozinho, não brincava ou falava. Ele agia sobre os diversos objetos presentes no ambiente sem uma finalidade aparente: abria e fechava as cortinas, arrastava as cadeiras. Também acendia e apagava as luzes por diversas vezes, pulava e abanava as mãos sem se cansar em frente a um ventilador ligado, e, ao sentar, balançava o seu corpo para frente e para trás. Era uma criança sem trocas simbólicas, que agia como se eu não estivesse presente na sala.

No entanto, no jogo de esconder-achar, criado a partir da situação em que ele saía e entrava da sala por diversas vezes, ocorreu uma mudança que considerei significativa. Ao escutar o “achou” dirigido a ele, quando abria a porta e me via, JM deu risadas. A ocorrência do riso solto poderia ser vista como reveladora do efeito da minha fala sobre a criança. Nessa brincadeira, acredito que tenha havido o enlaçamento de JM pelo olhar e pela fala, pois os movimentos realizados aleatoriamente – abrir e fechar a porta – foram inseridos por mim em uma cadeia de significantes, na qual o jogo de “achar-esconder” se sustenta.

Nas primeiras sessões, procurava declaradamente imitá-lo com diferenças, como na situação de manipular o carrinho de um lado para o outro. Eu instituía uma brincadeira na qual alguns acontecimentos ocorriam em sequência: levava o carrinho de um lado para o outro ao longo de uma estrada, o pneu furava, acabava a gasolina, ia até um posto, passava por cima de uma ponte etc. Era uma brincadeira solitária, pois somente eu falava e criava cenas/histórias. Considerava que, em algum momento, ele iria participar do faz-de-conta. O silêncio e as repetições de movimentos apresentados por ele levaram-me à questão da interpretação. A minha interpretação em relação às manifestações da criança consistia em repetir as suas ações: abria e fechava a porta, pulava em frente ao ventilador e esses movimentos/gestos eram sustentados na/pela minha fala.

Inventava histórias nas diversas situações de brincadeira mesmo sem contar com uma participação efetiva por parte da criança na atividade, pois me recusava a descrever o que ele estava fazendo, algo que poderia ser exemplificado por enunciados, como “Agora, você está pegando o carrinho”, ou, então, evitava questioná-lo a respeito do nome dos objetos que ele estava manipulando, algo do tipo “Como chama o objeto que você pegou?”. Estava tocada pela questão enigmática do silêncio dessa criança, assim como pela agitação corporal apresentada inicialmente por ela. Angustiava-me por não ter mais indícios de uma participação da criança nas brincadeiras propostas e no faz-de-conta que empreendia, mas também era sensível à condição na qual ela se encontrava, ou seja, a de um sujeito da fala ainda não constituído.

Tinha certeza de que as práticas fonoaudiológicas estabelecidas para o trabalho com crianças que não falavam ou falavam pouco (incluindo aquelas que se inseriam em quadros autísticos), cuja preocupação centrava-se no aumento dos comportamentos comunicativos, não forneciam uma direção de tratamento efetiva. Considerava que o entendimento das teorias linguísticas que poderiam dar suporte a uma prática clínica era parcial e equivocado, pois atrelado a uma concepção de sujeito como genérico, de língua como nomenclatura e de linguagem como uma competência que requer habilidades para ser aprendida.

Nas primeiras sessões, a fala de JM eram vocalizações, preponderantemente prolongamentos da vogal “a”, incorporados de fragmentos de minha fala, como se verá a seguir. Elas surgem como um lugar de “gancho”, de saída para uma situação que se apresentava sem possibilidades de trocas simbólicas. Os deslocamentos desse prolongamento, de uma sílaba da primeira palavra de uma cantiga infantil (“Atirei o pau no gato”) para o barulho de um carro em movimento (A:::), provocavam risos em JM, tanto quando ele ou eu os produzíamos. Nesse momento de minha reflexão sobre o atendimento fonoaudiológico de JM, acompanho o que argumenta Costa (2003) a respeito da captura do sujeito pela língua ou, ainda, a entrada da criança na linguagem. Segundo essa psicanalista, a captura pode precipitar-se de maneira lúdica, em um jogo com a língua por meio do corpo. A incidência da língua no corpo, que produz um gozo compartilhado no riso, porque autorizado pelo outro, constitui-se uma primeira relação oferecida à criança: “Essa que produz a condição da memória do recalco; essa memória desse Outro primordial, que é a relação à língua materna” (COSTA, 2003, p. 117).

(01) Segmento 1:

(Depois de interromper a gravação, T volta a gravar começando por cantarolar uma cantiga)

T. Atirei o Pau no gato-to-to, mas o gato-to-to ... Fala comigo: não morreu-reu-reu. Não! Vamos falar. **A::**tirei o pau no gato-to-to. Vai lá ... **A::**tirei o ...

JM. (ri)

T. **Você vai rir. Vamos falar. A:::**

(cai um objeto)

JM. (ri). Ra-**a:::**

T. O que aconteceu? Caiu?

JM. (ri)

T. Caiu?

JM. **A::ga** (e ri)

T. Vai lá. **A::**tirei o pau no gato-to-to].

JM. (ri bastante)]

T. **Vamos** ouvir? (volta-se para o gravador)

JM. Ra-**a:::** (ri)

()

(Depois de diversas tentativas para que ele repetisse ao microfone o que a T havia dito, ela pega um pandeiro)

T. Vai lá, Joelson. Vamos fazer? (T bate em um pandeiro). **Pa- pa-pa-pa-pa**. Vamos lá, bate. **Pa-pa-pa... pa-pa-pa-pa**. Vai, bate com força que vai sair aqui. (T aponta para o gravador que está sobre a mesa) **Pa-pa-pa**. Vamos bater. **Pa-pa-pa-pa**.

(JM pega a clarineta)

T. Vamos soprar, Aqui, aqui, vem cá.

JM. (sopra a clarineta)

T. Isso!

JM. (sopra a clarineta)

T. Isso!

JM. (Toca por dez segundos a clarineta, soprando e sugando em pequenos intervalos)

T. Ai... Pronto. Vamos ouvir?

()

(Depois de ouvirem um trecho da fita, T retoma a atividade de baterem no pandeiro acompanhado de “pa”)

T. Olha, Joelson. Vamos tocar aqui. Vem cá. **Pa**. (pegou o pandeiro e bateu ao mesmo tempo em que produziu a sequência “pa”)

JM. (bate no pandeiro)

T. Isso. Vamos tocar aqui. (Ele se distancia da mesa onde está o gravador) Vamos falar?

JM. **Pa-pa** (em voz baixa)

T. Mais alto. **Pa-pa**...Joelson, vem cá. Traz aqui...Você falou baixinho.

(JM – 3;4.23)

Procurava registrar, nas anotações realizadas depois das sessões, as manifestações orais de JM e as situações nas quais elas ocorreriam. Ao ouvir a fita, houve um retorno da fala da criança, da cena em que comparece o seu jeito de falar, os seus gestos, a sua maneira de recusar algo, o seu riso etc. Nesse sentido, é possível dizer que se trata de uma ficção contada do ponto de vista de um dos personagens – a terapeuta –, como argumenta Nasio (2001) a respeito dos casos na clínica psicanalítica.

Penso que, se adotasse o ponto de vista funcionalista, aquele que se faz presente na maioria das pesquisas da clínica fonoaudiológica dos atrasos de linguagem, minha preocupação seria com o levantamento dos atos comunicativos realizados, em termos numéricos, tanto por mim como pela criança. Contudo, como venho afirmando, trata-se de um parâmetro insuficiente para a avaliação e o acompanhamento terapêutico de crianças que sucumbiram em sua trajetória pela linguagem.

Na transcrição do segmento 1, no qual foram reportados diversos episódios de uma mesma sessão, é possível observar que eu produzia uma longa sequência de “pa” ao bater no pandeiro e que ele, em seguida, pegou uma clarineta e soprou. Depois, após uma única batida no pandeiro com a emissão simultânea do “pa” de minha parte, JM produziu dois “pa” seguidos. É possível afirmar que ele tenha entrado no ritmo de uma vinheta musical que começou a ser proposta (uma batida e uma emissão da sílaba simultânea) ao seu modo, quando emitiu dois “pa”. Creio que não se possa denominar essa ocorrência de uma imitação diferida – o igual reeditado em um momento posterior –, em um movimento de incorporação da fala do outro, mas com diferença.

Outro segmento de uma sessão ocorrida dois meses depois do início da terapia indica a presença dos prolongamentos da vogal “A”, e de produções que eu tomava, muitas vezes, como comentários acerca das figuras que estávamos vendo em um livro, mesmo sendo opacos, ou seja, interpretava as produções de JM como se estivessem integradas ao contexto do diálogo, como no caso de “Ei::ju” do episódio a seguir.

(02) Segmento 2:

(Folheando o livro cuja temática era meio de transporte)

JM. A::b/vu.

T. Pra onde vai o ônibus?

JM. A::::

T. Vai pra Unicamp.

JM. A::::

T. Pra onde vai o ônibus? Pra Unicamp. Pro centro, pra rodoviária (falando pausadamente), não é? O ônibus vai pra esses lugares. Um montão.

JM. A::é:

T. Aa::: né?

JM. **Quém.** (virando a página do livro)

T. Vai pra todos esses lugares. Olha, ó. **E o trem?** Aqui dentro do trem, ó, tá aceso.

JM. **Quém.**

T. Acendeu, a luz. Acendeu. (faço o gesto de fechar e abrir as mãos rapidamente)

JM. **Quémom.** A::::] (voltando para a página na qual encontra-se o desenho do ônibus)

T. A::::]. E o ônibus vai longe, longe. (faz gesto com os braços estendidos juntos e as mãos balançando)

JM. Ap.

T. Né? É, vai lá: (faz gesto com os braços estendidos juntos e as mãos balançando)

JM. **Éi::ju.** (“Éi” prolongado e um “ju” bem rápido e entrecortado, momento no qual bate a mão no livro)

T. **É, aqui dentro do trem,** cê viu? Cê viu que aqui dentro do trem acendeu a luz. (apontando para a figura no livro)

JM. Ô::.

T. Acendeu a luz.

JM. **Ca:i:** (tom ascendente em “Ca” e descendente em “i”) (mexendo no gravador)

T. É. **Caiu,** quebrou, mas ainda roda. Caiu. Deixa que eu seguro. Não, não, deixa, espera, espera, você vai... Já quebrou uma vez, né?

(JM – 3;6.16)

Nesse episódio dialógico surgiu o som relativamente ao barulho do ônibus na fala de JM, assim que produz o “ônibus”. Importante notar como interpretei o segmento “A::b/vu”, pois o relacionei a um texto anterior, presente na situação de desenho do trajeto do ônibus na lousa, no qual traçava um suposto caminho percorrido por ele para vir ao atendimento de fonoaudiologia na Unicamp. Quando retomo o texto no qual estavam

inseridos os nomes dos locais pelos quais o ônibus passava, ele recomeça com o barulho. Reproduzi, então, a onomatopeia em um movimento especular à fala de JM. Ao incorporar, em seguida, a sua fala, ele diz “*Quém*”, e eu a interpreto como “trem”. Comento também sobre a luz do trem e digo “Acendeu, a luz. Acendeu”, ao mesmo tempo em que faço com minhas mãos um movimento de fechar e abrir os dedos. Logo em seguida, ele fala “*Qué mom. A.:*”.

Nessa sua fala aparece o fragmento de um texto ausente, que diz respeito a uma situação em que lhe contava a história de duas crianças que se vestiam de monstros e brincavam de assustar pessoas, com base no livro *Zuza e Arquimedes*, de Eva Funari. Em várias passagens da história eu lhe dizia “Dois monstros”, a partir da minha leitura da imagem de duas crianças que estavam fantasiadas e que saíam do baú e assustavam quem passasse pelo parque. Esse enunciado, referente à figura das crianças fantasiadas que apareciam assim que a tampa do baú se abria, era acompanhado pelo meu gesto de abrir e fechar os dedos da mão em frente ao corpo. A fala de JM, “*Qué mom. A.:*”, que se seguiu aos meus gestos e à fala, é reveladora de um deslizamento metonímico: o meu gesto foi recortado ou, então, o “a” prolongado de “Acendeu”, produzido por mim, evocou “*mom*”-, isto é, os fragmentos do texto presente naquela situação (“*A.:sustou*” – quando os “monstros” saem do baú). Mais uma vez está posta uma relação entre significantes: eles vêm do outro, mas dizem respeito ao funcionamento da língua e a um processo de subjetivação comandado pela língua, ou seja, “aponta para *um sujeito emergente no intervalo entre significantes do outro*” (DE LEMOS, 2002, p. 58, grifos da autora).

Sobre outras posições na estrutura

O segmento transcrito a seguir diz respeito a uma narrativa constituída a partir da situação de um jogo. Nesse jogo de cartelas estão retratadas cenas que vão se delineando quando peças são encaixadas. Nessa narrativa inventada, a ação suposta é realizada por três personagens, um menino e uma menina, considerados irmãos, e um homem, o pai. Pode-se observar que, na primeira parte transcrita, JM se inclui indiretamente na ação a ser realizada pelos dois personagens-crianças, como indica a desinência verbal que comparece na sua fala. Essa identificação com as crianças/personagens compareceu também em outras histórias contadas ao longo do acompanhamento terapêutico.

(03) Segmento 3

(T e J estão encaixando peças em um tabuleiro de um jogo, “Bom dia Amiguinhos”. Cada cartela contém duas cenas da rotina de uma família. Ambos estão vendo a cena na qual aparece o quarto das duas crianças. Nessa situação, a T comenta que os irmãos, um menino e uma menina, estavam se preparando para dormir na cama beliche. Na cena vê-se o pai de pé à porta do quarto)

T. A menina e o menino estão de pijama. Eles **vão** dormir?

JM. **Vamos**. (a primeira sílaba ascendente e a segunda descendente) (segurando uma peça na mão e procurando encaixá-la no tabuleiro)

T. **Vamos?** Ou eles **vão** dormir?

JM. **Vamos**.

T. (ri)

JM. **Não é**. (ri)

T. Não é, né? (ri) Eles vão dormir. A menina e o menino.

JM. A/

T. Aqui você pegou, mas é de outra cena. (referindo-se à figura que a criança segurava na sua mão)

JM. Tá, tá/

(...)

T. Você quer falar alguma coisa aqui? (apontando para a prancha do quarto das crianças) O pai abriu a porta para ver se eles estavam dormindo ou, então, pra falar **boa**...

JM. **Boas férias**.

T. **Boa noite**. Exatamente.

(JM – 5;2.27)

Pode-se observar no enunciado de JM um “erro” de pessoa no verbo (de “(eles) vão” para “(nós) vamos”), momento em que eu o interroguei e mostrei a minha surpresa diante de sua produção. A princípio, não houve modificação na sua escuta, no entanto também pareceu se surpreender depois, no momento em que eu dei risada da sua “insistência” no “erro”. Primeiramente ele riu e, depois, corrigiu a sua fala, por meio de uma negação (*Não é*). O fato de ele negar indica o reconhecimento de uma fala que vem do outro/Outro, uma diferença em relação a sua própria fala. Mas o que será que ele nega ou qual o escopo dessa negação?

Logo em seguida, eu trouxe a voz de um dos personagens, o pai das crianças à porta do quarto, e, ao deixar a parte final do enunciado para ele completar, “(ele foi lá) pra falar boa...”, JM disse: “*féria*”, indicando a ocorrência de um “erro” na sua fala de natureza preponderantemente metafórica. É possível considerar que estivesse operando nesse fragmento a “intromissão” de cadeias latentes (DE LEMOS, 2002). Nesse sentido, pode-se inferir que ela, a criança enquanto sujeito falante – e é como JM se dá a ver nesse momento -, emerge “*no intervalo entre os significantes que metaforicamente se substituem tanto no erro quanto nas sequências paralelísticas*” (p. 61, grifos da autora).

(04) Segmento 4

(T e JM estão sentados vendo alguns livros da coleção “O gato e o rato”, como Rabo de Gato, Fogo no Céu, Pote de Melado, O Pega-pega e Surpresa. Ele procura contar sozinho as histórias do modo como eu havia lido em sessões anteriores, ou seja, usando a mesma entonação. Ele também lê, por vezes, algumas das palavras escritas)

JM: O gato falou: Vamos pegar o rato? (lendo a frase da página inicial da história “O Pega-pega”)

T. Hum, hum.

JM. Daí, o galo falou: Vamos. (lendo a frase)

T. Vamos. E aí?

JM. O gato falou *va/a/o va*...

T. Você tá falando baixo.

JM. O gato e o rato. (comentando a figura da última página do livro em que o gato e o galo estão brigando e há um rato risonho à distância observando a cena)

T. Essa você não contou direito. Os dois **brigaram**?

JM. Os dois **bigaram**.

T. Por quê?

JM. Pa, pa, os dois...estão **namorando**. (na última página na qual os dois animais – o gato e o galo – aparecem agarrados e estão um de frente para o outro)

T. Ahn?

JM. Estão namorando.

T. Será? Não é porque eles **queriam** pegar o rato.

JM. Eles **quiseram** pegar o rato.

T. É, só que um queria ir para um lado e outro pro outro. (em relação à página anterior na qual eles aparecem de costas um para o outro e caminhando em direções opostas)

JM. **E agora?** (apontando para a figura da última página do livro)

T. Eles brigaram. Eles não estavam namorando, não. Eles brigaram.

JM. **E agora?** (pegando outro livro e abrindo na primeira página na qual aparece a figura de um porco-espinho)
T. Não sei como chama essa. (referindo-se ao título do livro)
JM. É o porco-espinho. (em relação ao animal que aparece na primeira página)
T. É o porco-espinho, mas como chama essa história? Deix'eu ver o nome. (fechando o livro e olhando a sua capa)
JM. Supesa.
T. Isso. Surpresa.

(JM – 6;5.24)

Na situação de leitura de livros de uma coleção destinada a crianças no período inicial de alfabetização, eu pedia, em geral, que ele me ajudasse a contar por meio das ilustrações. Na página da história na qual dois personagens – o gato e o galo – apareciam brigando, pretendia que JM relatasse o motivo da briga entre os animais, qual seja, o de discordância em relação ao sentido que deveriam seguir para conseguirem capturar o rato. No entanto, por não ter visto as páginas anteriores, ele interpretou a ilustração presente na penúltima página não como uma briga, mas um namoro (ao que a ilustração tomada isoladamente dava margem). Em seguida, ele incorpora o enunciado produzido por mim e referente à parte final da história, ou seja, acaba realizando o que se mostra como uma substituição na flexão verbal, o “queriam” torna-se “*quiseram*” na sua fala.

No entanto, não seria o caso de atribuir a JM, na situação descrita, a intenção explícita de corrigir o meu enunciado. Pelo fato de estar inserido no funcionamento da linguagem e realizar uma escuta do que eu havia lido, ele reproduziu o meu enunciado com diferença, atitude semelhante à minha em relação à fala produzida por ele. Na continuidade do diálogo ocorre uma inversão do jogo linguístico instalado, pois é ele quem assume as “rédeas” do diálogo sobre a narrativa e passa a perguntar a respeito das ações que se desenrolaram nas ilustrações (“*E agora?*”). Houve um deslocamento de sua posição no discurso: além de estar no lugar de alguém que podia questionar o outro, ele também se atribuiu o papel de quem esclarecia dúvidas, pois entendeu o meu enunciado (“Não sei como se chama essa.”) como um desconhecimento de minha parte a respeito do nome do animal da ilustração de outro livro, e não sobre o título do livro. Aliás, o comentário de JM surgiu desse lugar, de quem poderia esclarecer dúvidas do outro.

Em resumo, uma questão fundamental deve ser levantada relativamente ao último segmento, já que se trata de mecanismos do “advento de um sujeito por efeito da própria linguagem” (DE LEMOS, 2001, p. 24). O erro cometido por ele na interpretação de uma ilustração do livro “*os dois estão namorando*”, uma leitura possível, mas não relacionada à história, merece ainda uma outra observação: é um enunciado sintaticamente bem formado que irrompeu na textualidade; foi convocado por uma leitura da imagem que evocava textos de outras situações interativas, por isso é possível falar em:

[...] processos metonímicos que se efetuam como substituições nas cadeias que se sucedem uma às outras, como ‘operações metafóricas *in praesentia* (ou metonimicamente metafóricas)’, como diz Lier-De Vitto (1998, p. 148) a respeito de fenômenos semelhantes que ocorrem nos monólogos da criança. (DE LEMOS, 2001, p. 41)

Pode-se observar uma falha no encadeamento da história, quando ele repetiu e hesitou no enunciado, mas, naqueles que foram produzidos em seguida, JM iniciou uma inversão do jogo linguístico estabelecido entre nós. Ouso afirmar que isso seria decorrente do

reconhecimento dos efeitos daquilo que, na sua própria fala e na fala do outro, se mostrava como heterogêneo. Nesse jogo instituído entre nós, e no qual JM revelou-se condutor da direção tomada, está indicada uma mudança de posição de JM em relação à língua e isso pode ser considerado:

o efeito de um processo de subjetivação pela linguagem, subjetivação essa marcada para sempre pela divisão entre ser falado pelo Outro e poder comparecer enquanto diferença nos interstícios dessa fala. (DE LEMOS, 2001, p. 28)

Considerações finais

Até o término do processo terapêutico de JM, antes de ele completar sete anos de idade e entrar no primeiro ano do ensino fundamental, a leitura e recontagem de histórias constituíram-se como atividades nas quais ele se envolvia entusiasmadamente. No entanto, parecia, às vezes, se interessar mais pelo número de livros que conseguíamos manusear – contar ou ler – na sessão do que por uma discussão mais demorada sobre cada um deles. Mesmo levando em conta esse fato, a sua narrativa ganhou marcas, como a introdução do discurso direto, com a ressalva de que compareceram raramente, nas histórias contadas, verbos *dicendi* (*falou, disse, comentou* etc), e sim a voz do personagem, por meio das mudanças na entonação, que sinalizavam os diálogos ocorridos. Nota-se, ainda, o início da diferenciação entre os personagens e o narrador, pois surgia, muitas vezes, uma voz que relatava os acontecimentos da história, observado tanto na contagem a partir dos livros *Zuza e Arquimedes* e *Pega-Pega*, como nos comentários acerca das cenas presentes nas cartelas de um jogo sobre atividades e ações de dois irmãos e sua família.

No início do atendimento de JM, minha postura, ao escutar os “A::” na fala de JM, foi a de acompanhá-lo e, por isso, também os produzia. Esse “preenchimento” da minha parte pode ser compreendido como um atravessamento de uma “cantoria” de “A::” nos diálogos, tanto de minha parte como da dele. É essa vogal prolongada que acabou se deslocando discursivamente: primeiro apareceu na fala de JM, depois de eu cantarolar uma cantiga, ou seja, houve uma escuta da minha fala por parte dele. Em seguida, surgiu como uma resposta dele ao contato instado por mim, quando eu usava “A::lô?” para que ele falasse ao microfone durante as gravações da sessão. Mais adiante, compareceu na situação em que lhe mostrava e nomeava as figuras do ônibus e do carro de um livro, além de produzir as onomatopeias correspondentes. Reconheço aqui o funcionamento da língua, das leis internas da linguagem, os processos metafóricos e metonímicos: no caso do ônibus, havia a remissão a um fragmento de um texto ausente da situação na qual eu desenhava um ônibus na lousa e contava a história em que seu pai e a sua mãe eram os personagens que percorriam de ônibus uma estrada até chegarem a sua casa.

Outra ocorrência na fala de JM é revelador de dois fenômenos importantes da linguagem em funcionamento nos textos. O primeiro está relacionado ao enunciado “*Qué mom*” (Segmento 2). Ele foi evocado em razão de se fazer presente algum fragmento (ou gesto) dos enunciados produzidos por mim, naquele diálogo, que remetia ao texto de contagem da história infantil *Zuza e Arquimedes*. Pode-se afirmar que isso diz respeito a uma relação interna entre significantes, sem um vínculo com o contexto situacional presente. Além disso, é importante lembrar que a questão do processo de subjetivação da criança esteve fortemente envolvida no episódio: na/pela atuação dos processos metafóricos e metonímicos

da língua pôde-se evidenciar “quem fala na fala da criança” (DE LEMOS, 2002, p. 48) e concomitantemente “o modo de emergência do sujeito na cadeia significante” (DE LEMOS, 2002, p. 54).

O estudo de De Lemos (2001), que trata do estatuto linguístico e discursivo da narrativa na fala da criança, faz referência às expressões que comparecem na fala da criança: são restos da fala do adulto que retornam e que não apresentam relação com o contexto interativo imediato, já que vinculados a histórias lidas, ouvidas e inventadas. Essa ocorrência vincula-se também ao fascínio das crianças por histórias/mitos infantis e que pode ser explicada, parcialmente, em razão de:

imagens que o mito fornece para a operação do simbólico sobre o imaginário e, portanto, nas palavras de Costa (1998, p. 62) ‘para auxiliar a criança na construção de uma forma de interpretar o real’. (DE LEMOS, 2002, p.33)

Há, então, um aspecto fundamental que deve ser questionado a partir desses dois enunciados na fala de JM: a escuta do terapeuta. O enunciado de JM, “*Qué mom*” não foi escutado por mim. Somente depois de realizar a transcrição e ler e reler esse material, que se tornou possível verificar a sua ocorrência concreta na fala da criança. O que dizer, a partir dessa constatação, a respeito da noção de comunicação e de transmissão de mensagens nos diálogos que ocorrem entre terapeuta e paciente? Como sustentar um ideal de interação nessa situação? Será que esse acontecimento não continuou a impulsionar JM a falar comigo? Será que ele não teve que falar/argumentar novamente para que algo viesse a ocorrer na/pela linguagem? Trata-se aqui do fenômeno do equívoco sempre intrinsecamente presente na linguagem. E não poderia ser diferente nos diálogos entre terapeuta da linguagem e paciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, L. O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro. In: LIER-DE-VITTO, M. F. (Org.) *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 23-37.
- _____.; FONSECA, S. C. da Efeitos da escrita na clínica de linguagem. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 14-35, jun. 2008.
- CERQUEIRA, C. *Clínica de Linguagem: Interrogações e Pontuações sobre Retardo de Linguagem a partir do atendimento de uma criança*. São Paulo, 2005. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – LAEL, PUC-SP, São Paulo.
- COSTA, A. M. M. Algumas Reflexões sobre a inscrição da letra. In: LEITE, N. V. de A. (Org.) *Corpo Linguagem: Gestos e Afetos*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2003. p. 115-124.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, n. 42, p. 41-69, jan./jun., 2002.
- _____. Sobre o estatuto linguístico e discursivo da narrativa na fala da criança. *Linguística*, São Paulo, v. 13, p. 23-60, 2001.

- FREIRE, R. M. *A linguagem como processo terapêutico*. Rio de Janeiro: Plexus, 1994.
- LEITE, N. V. de A. *As letras da transmissão*. 2006. Disponível em <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.28.3.1.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2010.
- LIER-DE-VITTO, M. F. Sobre a posição do investigador e do clínico frente a falas sintomáticas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 47-59, set. 2004.
- _____; ANDRADE, L. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 54-71, jun. 2008.
- NASIO, J. –D. O que é um caso? In: _____. (Org.) *Os Grandes Casos de Psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 9-32.
- PEREIRA DE CASTRO, M. F. C.; FIGUEIRA, R. A. Aquisição da Linguagem. In: PFEIFFER, C. G.; NUNES, J. H. (Orgs.) *Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. p. 73-102.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. [1916]